

Modernismos em língua desdobrada: comemorar, descentralizar, atualizar

Madalena Vaz Pinto¹
Daniel Marinho Laks²

O ano de 2022 é um momento extremamente propício para focalizar a atualidade do debate sobre as diversas expressões dos modernismos, principalmente a partir da perspectiva da língua portuguesa desdobrada. Se, no Brasil, o ano baliza a data celebratória do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, marco incontornável do modernismo paulista, sob a perspectiva portuguesa, estamos há um pouco mais de um século do surgimento da revista *Orpheu*, que teve o seu primeiro número publicado em 24 de março de 1915, dando início, assim, ao modernismo português. Depois de mais ou menos cem anos transcorridos das pioneiras manifestações de focos modernistas em ambos os países, percebemos que o tema continua atraindo o interesse de variados pesquisadores nas mais diversas áreas do saber. As análises empreendidas, tanto sob o ponto de vista comparativo, quanto enfocadas em manifestações modernistas específicas, apontam para um amplo campo de investigação e de problemas que ainda demanda investimento de estudo. Assim, mais do que apenas comemorar o surgimento dos focos modernistas, o momento se faz potente para atualizar percepções, descentralizar e ampliar perspectivas.

Feita esta introdução, é com alegria que apresentamos aos leitores o número 44 da revista *Soletras* sobre o tema Modernismos em língua desdobrada: comemorar, descentralizar, atualizar. A resposta dos pesquisadores à chamada da revista foi bastante variada, de acordo, aliás, com a proposta feita que, sobre o tema Modernismos, incluía uma ampla possibilidade de abordagens e perspectivas. O número se propôs a acolher trabalhos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 nos contextos de comemorações e problematizações, além de seu impacto na

¹ Professora adjunta de Literatura Portuguesa na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestra em Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduada em Letras – Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: vazpinto.mada@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7522-9921>.

² Professor adjunto e professor do quadro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos. Doutor em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências Biológicas (Fisiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Educação Física pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: daniellaks@yahoo.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3206-4178>.

cultura sob uma perspectiva de descentralização. Também nos interessou abrir espaço para trabalhos que focassem os modernismos lidos nos dias atuais a partir do par antitético ruptura e continuidade; outros modernismos e modernismos em outras artes; relação entre o modernismo português e o modernismo brasileiro, pensada na perspectiva de uma língua desdobrada; relações entre as vanguardas do século XX em diferentes espaços de língua portuguesa; Por fim, pensando como as diferentes expressões dos modernismos parecem confluir para uma possível articulação entre valor estético e valor nacional, o número abre espaço para discutir o entrelaçamento entre modernismos e política no século XX, pensando a relação entre os intelectuais modernistas e os regimes autoritários em espaços de língua portuguesa.

Os trabalhos escolhidos para compor a presente edição permitiram que este número assumisse um aspecto cosmopolita e comparatista que excedeu as nossas previsões e expectativas, com estudos sobre os modernismos em língua portuguesa e, também, sobre a relação entre vanguardas – brasileira e hispano americanas – além de um estudo sobre o modernismo inglês. Além destes aspectos, temos a satisfação de apresentar duas entrevistas inéditas por nós realizadas com dois grandes especialistas nos estudos sobre modernismos no Brasil e em Portugal: uma com o professor e pesquisador português Dionísio Vila Maior, da Universidade Aberta de Lisboa; a seguinte com Eduardo Sterzi, professor e pesquisador brasileiro da Universidade Estadual de Campinas.

Assim, ao abrir o número, nosso leitor encontrará, em “Antropofagia como cosmotécnica, uma abordagem arqueológica”, de Pedro Henrique Varoni de Carvalho, uma breve análise arqueológica, baseada na metodologia proposta por Michel Foucault, da noção de antropofagia modernista brasileira. O texto parte da publicação do manifesto de Oswald de Andrade, em 1928, e avalia a trajetória antropofágica passando pelas ressignificações propostas pelo Tropicalismo, no final dos anos de 1960, até chegar à contemporaneidade. O investimento do autor em uma abordagem arqueológica do pensamento antropofágico no campo cultural brasileiro permite perceber apropriações diversas e que servem a interesses variados. Ao pensar a potência do conceito na contemporaneidade, o pesquisador abre espaço para a discussão sobre as relações entre pensamento antropofágico e crise contemporânea do antropoceno, agravada pela pandemia de COVID-19, que gerou novas condições de recepção para o discurso indígena ressignificando a ideia de tecnização do bárbaro, proposta por Oswald de Andrade em seu

manifesto. Assim, o artigo se debruça na presença discursiva da antropofagia em discursos e práticas de resistência, reavaliando ontologias e abordagens que repercutem formas de existência ressonantes com matrizes indígenas e quilombolas que se apresentam como resistência política popular de uma brasilidade mestiça.

O artigo de Cristine Fickelscherer Mattos, intitulado “Modernidade e raízes da vanguarda no ensaio finissecular “O que virá”, de José Enrique Rodó” tem como objetivo propor uma aproximação entre as literaturas brasileira e hispano-americana, mais especificamente nos contextos das vanguardas desenvolvidas nestes contextos culturais. A pesquisadora parte do ensaio “O que virá” (1896), do escritor, pensador, ensaísta e político uruguaio José Enrique Rodó, representante da estética e do pensamento finisseculares, com o intuito de analisar as raízes da vanguarda hispano-americana. A análise tem uma ampla fundamentação teórica, lançando mão de autores como Octavio Paz, João Alexandre Barbosa e Marshall Berman para o conceito de Modernidade literária; Mircea Eliade para os conceitos de mito e temporalidade; Fernando Aínsa e Mario Benedetti para a localização do contexto uruguaio e a obra do autor; George Steiner e Paul De Man para o trabalho com textos difíceis; Maria Lígia Coelho Prado, Roberto Schwarz e José Veríssimo para as relações entre Brasil e América Latina, entre outros. Seu estudo pretende, como se poderá ler, colmatar uma lacuna, a saber, a quase inexistência de estudos comparatistas entre vanguardas não-europeias inclusive no Brasil, tradicionalmente mais focado na literatura europeia.

A seguir, o leitor encontrará o artigo “Modernismo e auto-invenção – uma leitura crítica de *Retrato do artista* de James Joyce”, de Tarso Amaral, no qual o pesquisador parte da noção de ‘auto-invenção’, desenvolvida por Declan Kiberd, para traçar uma relação com a obra do romancista irlandês James Joyce e o contexto modernista. O artigo tem como objetivo principal analisar criticamente o ensaio *Retrato do artista*, escrito por Joyce em 1904 e as conexões entre preceitos e práticas experimentais que se destacam no modernismo em contexto colonial irlandês. A análise se baseia em autores como Terry Eagleton, Richard Ellmann, James Fairhall, Declan Kiberd além do próprio Joyce para evidenciar como o caráter experimental da escrita joyceana, já expresso em *Retrato do artista*, mas também integrante de parte considerável da obra do autor como um todo, teve como contributo fundamental o contexto em que se deu a produção do escritor.

Por sua vez, Rodrigo Xavier, no artigo “*Alma Portuguesa – ‘célula mater’* do Integralismo Lusitano”, apresenta os primeiros resultados de sua investigação sobre *Alma Portuguesa* (1913), periódico português que funcionou como suporte estético do Integralismo Lusitano (IL), movimento de cariz fascista em Portugal, e que viria a influenciar a Ação Integralista Brasileira (AIB), capitaneada por Plínio Salgado. A investigação tem por objetivo identificar os antecedentes do que os especialistas têm chamado de “onda conservadora” e “guinada da ultradireita pelo mundo”, movimentos que têm contribuído significativamente para o declínio da democracia e para a ascensão de governos de cariz totalitário.

O último artigo a compor o dossiê é de autoria de Evelyn Blaut Fernandes e intitulado “Eu é um outro: confissões na orgia do fogo”. *Confissão de Lúcio* é tradicionalmente lido pelos temas dominantes na obra de Mário de Sá-Carneiro: desejo, delírio e suicídio. Ao se deter sobre o romance, entretanto, a pesquisadora destaca a dispersão e a dança como outros dois aspectos importantes de sua poética, propondo dessa forma uma outra leitura do texto. Nesta perspectiva, os papéis da dança e da dançarina funcionam como motores de transformação do “eu” e, conseqüentemente, na materialização etérea de uma relação através de uma inversão sexual. A importância da função da dança é fundamentada através da execução de variações do mesmo movimento como elemento fundador de toda a narrativa.

Na sessão *Vária* publicamos o artigo de Ana Paula Coutinho, “A Fúria de Pedro Eiras: três aproximações”. Trata-se de uma leitura da trilogia *Inferno* (2020); *Purgatório* (2021) e *Paraíso* (2022), poesia, na qual Pedro Eiras revisita a *Divina comédia*, de Dante Alighieri. Entretanto, se o texto enfatiza o gesto emancipatório evidente nesta revisitação, faz notar, também, a presença de uma outra luta implícita e iminentemente crítica, metapoética, contra o crítico Harold Bloom por tudo aquilo que ele representou e ainda continua a influenciar.

Além dos artigos que compõem o presente número, a edição também conta com duas entrevistas, uma com um estudioso português, professor Dionísio Vila Maior, da Universidade Aberta de Lisboa, e a outra com um estudioso brasileiro dos modernismos, professor Eduardo Sterzi, da Universidade Estadual de Campinas. As entrevistas são compostas por perguntas que visam pensar os legados culturais dos modernismos em ambos os países e reavaliar, de forma crítica, a partir do olhar contemporâneo, relações entre produções artísticas e embasamentos teóricos que se fixaram durante a vigência dos focos modernistas. Além disso, busca-se pensar,

a partir das entrevistas, relações entre os modernismos brasileiro e português, possíveis diálogos, influências e, por fim, as relações entre modernismos como projetos de modernização cultural e os projetos políticos sancionados pelos regimes vigentes em ambos os países.

Cabe destacar, por fim, que este número reforça os vínculos de investigação decorrentes da colaboração entre duas instituições brasileiras de diferentes estados da federação, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É a partir das redes de relação entre pesquisadores, artistas, professores, produtores culturais e diversos outros setores da sociedade civil que as universidades produzem conhecimento e se configuram como espaços fundamentais de exercício do saber e da cidadania. Assim, reler, repensar e também celebrar as produções modernistas realizadas durante o século XX é também proporcionar um espaço salutar de debates, divergências e convergências de temas fulcrais para a cultura brasileira e para a cultura portuguesa desde meados do século passado até a contemporaneidade.